



Snowpiercer: Uma Análise Da Obra De Joon-Ho Bong e o Uso De Crises Como Método De Dominação¹

Andrei Smoler COELHO²

Rodrigo FOLLIS³

Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp)

RESUMO

Através do estudo do filme “Snowpiercer” do diretor Joon-Ho Bong, é traçado neste artigo uma análise sobre a prática do uso de grandes crises e ameaças externas para a manipulação de massas como meio de dominação. A utilização de elementos pós-apocalípticos e da luta de classes na obra de Joon-Ho Bong, são abordados aqui como uma crítica a cultura do medo e sua utilização para a manutenção do *status quo*.

PALAVRAS-CHAVE: Análise de Filme; Manipulação de Massas; Cultura do Medo; Crises.

Ao analisar a história, é comum se deparar com crises e suas consequências para a sociedade, sejam as crises de cunho bélico, moral, natural ou político. Estas ameaças, que podem surgir de modo natural ou serem fabricadas, têm sido utilizadas ao decorrer do último século como meio de manipulação da massa através da cultura e política do medo para a manutenção ou obtenção de domínio. O filme “Snowpiercer” do diretor sul-coreano, Joon-Ho Bong (2014), possui referências à este tipo de manobra e será analisado neste artigo.

A questão levantada neste texto é de como o medo e o senso de autopreservação das massas é exposto como estratégia de dominação na obra “Snowpiercer”, do diretor Joon-Ho?

A resposta desta pergunta está na análise de como Bong usa conceitos escatológicos, utilizados no filme como um constante perigo de extinção da vida

¹ Trabalho apresentado IJ 06 – Interfaces Comunicacionais do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 19 a 21 de junho de 2015.

² Aluno do curso de Comunicação do Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp). E-mail: andrei.smoler@icloud.com.

³ Orientador do trabalho. Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. Professor no curso de Comunicação do Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp). E-mail: rodrigo.follis@unasp.edu.br.



humana em uma terra pós-apocalíptica, como metáfora às crises induzidas ou fabricadas pelos governos para estimular as massas a abrirem mão de direitos e liberdades em prol de um bem maior – no caso do filme, a preservação das espécies. Este tipo de manobra, da qual a indústria cultural se reveza em denunciar e reforçar, tem sido empregada ao longo dos séculos e é bem demonstrada na película pelas exigências “divinas” para a sustentabilidade do veículo – e a constante manutenção a vida – que dá estabilidade a hierarquia de classes e cria a predisposição à sessão de direitos de liberdade e a manutenção do sistema vigente.

Para efetuar a análise, será utilizado os métodos descritos por Vanoye e Goliot-Lété (1994) em sua obra de “análise fílmica”. Essa, parte do princípio de haver uma desconstrução minuciosa dos elementos da obra, trazendo um distanciamento necessário para o analista, e posteriormente em “estabelecer elos entre esses elementos isolados” formando assim um significado no todo.

Analisar um filme ou um fragmento é, antes de mais nada, no sentido científico do termo, assim como se analisa, por exemplo, a composição química da água, decompô-lo em seus elementos construtivos. É despedaçar, descosturar, desunir, extrair, separar, destacar e denominar materiais que não se percebem isoladamente “a olho nu” [...] Uma segunda fase consiste, em seguida, em estabelecer elos entre esses elementos isolados, em compreender como eles se associam e se tornam cúmplices para fazer surgir um todo significativo: reconstruir o filme ou o fragmento (VANOYE; GOLIOT-LÉTÉ, 1994, p. 15.).

O enredo se situa no ano de 2031, em um cenário apocalíptico que cria o pano de fundo para todas discussões apresentadas dentro do filme. Os únicos sobreviventes da tragédia que se abateu na humanidade são os que estão dentro do trem Snowpiercer, sendo este separado em duas partes: a traseira, com passageiros marginalizados e oprimidos pela dianteira, que conta com uma população elitizada liderada por Wilford, dono e criador do trem. A história é traçada por uma rebelião promovida pela classe traseira, mais especificadamente, por Curtis, protagonista do filme, para tomar posse do trem em busca de uma vida mais “justa”. Antes de ser feito as relações entre os elementos do filme de Joon-ho para reconstrução do mesmo, é preciso explorar o tema político aqui em discussão, a saber: a relação entre classes sociais, conceito de dominação e métodos de obtenção de poder. Apenas assim poderemos compreender as



associações e as cumplicidades dos elementos filmícos.

Definindo o conceito de dominação na sociedade

O esclarecimento do conceito de dominação é extremamente importante para a compreensão desta obra, por este ser o objeto desejado e incitador da rebelião dentro do enredo. Robert Brym e John Lie (2009) defendem existir três tipos de interações sociais: dominação, cooperação e competição. Estes são medidos pela distribuição de poder entre classes. De um lado existe a cooperação em que o poder está equilibradamente distribuído, não existindo assim diferença entre ambos. Do outro lado está a dominação. Este existe uma gigantesca diferença entre classes, havendo assim uma classe com mais poder do que outra. No centro de ambos está a interação intitulada competição. Esta possui desigualdade de poder também, porém não tão acentuada como na dominação. A questão a ser levantada subsequentemente é a da natureza do que há de ser dominado nestas interações.

Podemos exemplificar estes três tipos de interação através de dois sistemas socio-políticos: capitalismo e socialismo. O capitalismo, que se associa ao neoliberalismo econômico e ao conservadorismo, se apoia em cima da competição e dominação. O socialismo, teoricamente, busca o fim da competição e da dominação, se baseando na cooperação. Hoje, a sociedade mundial é regida em uma grande parte pelo capital, com algumas poucas exceções, sendo visto por muitos como algo positivo e por outros negativamente. Na sua obra, “The Neoliberal Pattern of Domination: Capital’s Reign in Decline”, José Bermúdez (2012) defende de que, no capitalismo, o domínio não se restringe apenas a objetos inanimados, mas os próprios indivíduos são visto como propriedade a serem negociados.

A conversão dos seres humanos em coisas, em objetos pertencentes a outros seres humanos, é uma noção associada com as relações sociais da escravidão. Não obstante, no capitalismo, a força de trabalho da classe trabalhadora é convertida em mercadoria, um objeto que se torna propriedade de seus compradores: a ideia de tratar a força do trabalho como propriedade não é alheio à relação trabalho-capital (BERMÚDEZ, 2012, p. 18, tradução livre).⁴

⁴ The conversion of human beings into things, into objects belonging to other human beings, is a notion associated with the social relations of slavery. Nevertheless, in capitalism, the working class labor force is converted into a commodity, an object that becomes the property of its own purchasers: the idea of treating the labor force as property is not alien to the capital-labor relation.



Adiante, Bermúdez acrescenta que a qualidade de quem exerce poder é o controle e a obediência é uma qualidade do dominado. Ao se tornar objeto, o direito de liberdade e expressão de opinião própria se tornam alvos fáceis de serem violados. Nota-se a seriedade desta afirmação ao ler a frase que ele escreve para fechar o tópico assunto, “ordens não são conselhos ou recomendações. Ordens compelem porque aqueles que as dão têm a capacidade de fazerem os outros obedecerem” (BERMÚDEZ, 2012, p. 18, tradução livre.). Possuir controle significa que este têm a capacidade de conduzir a situação da maneira que ele achar melhor. Ao decorrer do primeiro capítulo do seu livro, ele ainda destaca como a dominação está inteiramente relacionado com exploração. Através da relação capital, ele afirma que ambos estão mutualmente interdependente. Com a manutenção e fortificação desta relação, através de tempo e esforço, é atingido um automatismo, o *status quo*. Porém é preciso o trabalho para manter. “Dominação é sempre ditatorial” (BERMÚDEZ, 2012, p. 31, tradução livre.)⁵. Os métodos para atingir o automatismo são os que se mostrarem necessário para a manutenção. “Dominação é baseado, em último caso, na violência, na capacidade coerciva do Estado e da classe dominante”(BERMÚDEZ, 2012, p. 31, tradução livre). Curiosamente, ao descrever dominação, Brym e Lie citam o medo como um possível elemento da dominação. “Em casos extremos de dominação, subordinados vivem em estado quase constante de medo”(BRYM; LIE, 2009, pg. 106, tradução livre). Cria-se então uma cultura do medo.

Entendendo a cultura do medo

Todas sociedades possuem culturas. Estas são construídas, nas palavras de Skoll e Korstanje (2013, p. 343, tradução livre), “como seu nicho ecológico primário”.⁶ Culturas produzem significado para sociedade. Skoll e Korstanje (2013) continuam defendendo em sua introdução que ao existir padrões de significados, cria-se ideologias. Dentro de uma sociedade com diversidade cultural, a ideologia dominante é sustentada pela cultura dominante. Os autores listam a cultura do medo como uma criação do

⁵ Domination is always dictatorial.

⁶ [...] as their primary ecological niche.



sistema capitalista para sustentar as estruturas sociais que esta proporciona, tornando-a assim, uma cultura dominante. Sua definição é colocado da seguinte forma:

A cultura do medo difere de ansiedade de massa ou histerias. Histerias ou pânico correm pela população durante tempo limitado. Ela se mantém focada em questões específicas como medo de enfermidades, catástrofes naturais, pânico econômico ou assuntos políticos (SKOLL; KORSTANJE, 2013, p. 343, tradução livre).⁷

William Perdue (1989) trata a questão da ideologia dominante do terrorismo. Ele se refere a um sistema pensado por uma elite institucional, ao argumentar que a ideologia do terrorismo é mantido por círculos de poderes políticos, econômicos e militares para a preservação de uma ordem superestrutural. Logo, aplicando o conceito de ideologia dominante e cultura dominante, a ideologia dominante do terrorismo só têm força por ser sustentado pela cultura do medo, que por sua vez é proporcionado pela estrutura do capital. Esta cultura cria a base necessária para explorar situações de crises, através do terror, para manter a distribuição de poder pela classe dominante.

Utilizando crises para domínio

Crises são períodos de desordem que dificultam ou enfraquecem o processo de desenvolvimento. Stefan Skrimshire em seu livro (2008), comenta a teoria de Jean Baudrillard de que “o capitalismo global traz com ele sua própria capacidade auto-destrutiva de alienar e desapossar as próprias massas que afirma ser capaz de libertar” (SKRIMSHIRE, 2008, p. 50, tradução livre).⁸ O sistema desequilibrado do capital, exige crises para que possa haver então uma solução de equilíbrio – que futuramente se tornará instável pelo sistema. Afetado por isso são as massas, as classes subordinadas que estão sobre o domínio da classe superior.

A classe dominadora utiliza o que estiver a disposição para meio de manutenção do seu poder, pois a maquina do capitalismo precisa continuar funcionando. As crises, independente de sua natureza, são recebidas como ameaças por apresentaram as fragilidades de uma nação ou sociedade, trazendo insegurança para a sociedade e

⁷ A culture of fear differs from mass anxiety or hysterias. Hysterias or panics run through populations during limited durations. They remain focused on particular issues such as fears of diseases, natural catastrophes, economic panics, or political matter [...]

⁸[...] global capitalism brings with its own self-destructive capacity to alienate and dispossess the very masses it claims to be able to liberate.



contribuindo para a cultura do medo. Baseando-se nas teorias de Baudrillard, os autores Maximiliano Korstanje, Peter Tarlow, e Geoffrey Skoll concluem que:

Ameaças globais funcionam como um vírus retirado do corpo físico, como um fato ou evento X, que então se move para ser praticamente disseminado para outros corpos do qual ele pode infectar outros organismos. [...] Dadas as condições certas, manipulação política propõe um objetivo, um mal, um problema que só ele pode resolver ou exorcizar. A superioridade de certos grupos para definir o bem e o mal é acompanhado por uma conversa ideológica cuja ferramenta máxima é a difusão do medo (KORSTANJE; TARLOW; SKOLL, 2014, tradução livre).⁹

Esta função das crises é natural por demonstrar as fragilidades e as inconstâncias de uma sociedade instável. Para a manipulação política através das crises, o terror é o elemento necessário para a construção de um discurso que obtenha sucesso. De forma simples, se resume: “a questão é vender o terrorismo para as massas. Esta é a forma como as sociedades pós-modernizadas produzem medo” (SKOLL; KORSTANJE, 2013, p. 356, tradução livre.). Os autores utilizam como exemplos o evento ocorrido em 11 de Setembro para exemplificar a utilização de terror em crises como meio obter e manter poder. Ao contrário da conotação pobre da palavra terrorismo de violência e genocídio, seu real significado é de causar terror. Se não causa terror, não é terrorismo. Deste modo é mais fácil entender de que ao contrário do que se têm como senso comum, os alvos não selecionados para causar muitas mortes, mas sim são escolhidos para levar todo o resto da população a pânico (SKOLL; KORSTANJE, 2013).

Este método de utilização de crises não se aplica a somente a atentados terroristas mas também a problemas econômicos e políticos como coloca o autor Noam Chomsky em seu livro “Hegemony or Survival: America’s Quest for Global Dominance”(2004). Também se emprega em questões sociais como direitos homoafetivos através da crise da AIDS como explica Thomas Long em “AIDS and American Apocalypticism”(2005). Este cenário de domínio exacerbado, resultado de uma manipulação através do medo, que a estrutura capitalista proporciona nas mais diversas áreas é o que a obra de Joon-Ho Bong critica.

⁹ Global threats function as a a virus taken from the physical body, as a fact or event x, which then moves to be virtually disseminated to other bodies from which it can infect other organism. [...] Given the right conditions, political manipulation proposes an objective, an evil, a problem that only it can solve or exorcize. The superiority of certain groups to define good and evil is accompanied by an ideological conversation whose maximum tool is the diffusion of fear.

Analisando “snowpiercer”

O mundo está vazio e frio. Congelado, para ser preciso! O planeta sofre uma era glacial. Nenhum sobrevivente exceto a população do trem do snowpiercer. O filme, nos primeiros minutos, concentra-se em mostrar a crise que o mundo estava sofrendo, neste caso um crise apocalíptica, a extinção da vida. Este é o pano de fundo para todo o enredo que é desenvolvido adiante no filme. Em seguida aparece um trem que contém os únicos sobreviventes do planeta. Acreditamos aqui que este trem serve como uma metáfora ao sistema capitalista. Dentro dele existe uma separação, a parte dianteira e traseira, criando-se assim um sistema em que a classe elitizada se encontra na frente do trem e a classe marginal está atrás. O frio intenso de fora faz com que os estão na classe baixa se contentem com a situação precária, porém, de sobrevivência. O protagonista é Curtis, um jovem que é o braço direito do líder do grupo de trás do trem, Gilliam. Ele elabora uma revolução, junto com Gilliam e um outro amigo, para tomar a frente do veículo com o intuito de melhorar as condições de sua classe e eliminar a desigualdade. Para isso, ele precisa chegar ao motor, onde fica o dono do trem, Wilford.

Como nas situações reais, o grupo dos últimos vagões está infeliz em sua situação, porém de certa forma anestesiado. Nota-se este sentimento de conformidade quando vemos alguns do grupo reclamar da situação ao chegar em barreiras como portas trancadas e exércitos. Há grande opressão por parte da elite do trem, utilizando inclusive a violência citada por Bermudez para causar terror e manter a ordem do trem. Interessantemente, ao Curtis iniciar a revolução, ele desafia os soldados a atirar nele e descobre assim que não existem balas nas armas, esta sendo uma analogia clara a utilização novamente do terror da cultura do medo.

A trama se desenvolve com uma resistência em relação a revolução, partindo dos funcionários e administradores do trem. Para argumentar a manutenção do *status quo*, é dita por Mason, a segunda no poder, que o equilíbrio deve ser mantido. Apesar de a classe subordinada estar alienada e dominada pela classe da dianteira, curiosamente, o diretor enquadra a classe da frente também como alienada. Obviamente, ambos estão alienados de diferentes formas, sendo retratados como regidos pelo sistema. Nota-se isso ao ver que não existem janelas em nenhum dos vagões (Figura 1).

Figura 1



Os revolucionários ao ver um janela pela primeira vez

Curtis conta com a ajuda de Namgoong, um conhecedor do sistema do trem e viciado em Kronos, um narcótico, e sua filha Yona, também viciada na droga, para atravessar o trem para chegar em seu destino e cumprir sua missão. Diferentemente de Curtis e toda população do trem, Namgoong não acredita que o trem seja a solução do problema. Namgoong é o único quebra o sentido de linearidade que segue o filme, olhando para os lados, isto mostra um diferencial. Ele também protege sua filha de se expor a violência que o sistema produz. Ele crê piamente que existe outra solução fora do trem, tendo convicções de que o gelo tenha começado a derreter e que a vida fora do trem é possível. Ele está a todo momento olhando para as janelas e falando para sua filha de como é o mundo externo, já que ela nasceu dentro do trem.

Curtis passa por diversas batalhas entre o grupo dos revolucionários e a resistência. A cada etapa, seu grupo diminui até ele chegar na porta da sala do motor acompanhado apenas pelos dois dependentes químicos. Interessante é notar que Curtis participa dessa revolução, pois quer libertar seu grupo e oferecer uma vida melhor, mais digna e humana. Porém, ao decorrer da história, seus colegas morrem de forma cruel. Assim, sua revolução mostra ineficaz. Aqui nota-se, a maneira como o sistema se utiliza de movimentos, crises e catástrofes para a sua manutenção. O fato de haver uma revolução apenas faz com que a classe dominante tenha mais repulsão por eles e isso incentiva a luta pelo *status quo*.

No caminho eles se deparam com diversas cenas inusitadas, como uma escola

que endeusa Wilford e sua criação, sendo este um dos pontos auge da produção por ser o centro do trem, o limite das classes. Esta cena é especial, pois, diferentemente da frente e da traseira do trem, vemos um vagão bastante colorido. Os vagões das

Figura 2

Alunos com professora em aula na sala de aula colorida



extremidades estão compostos por cores frias e lavadas. Este é o único espaço do filme que possui cores explosivas e vivas. Ali estão crianças que estão prontas para o aprendizado e são as pessoas que serão encarregadas do veículo no futuro. Naquele espaço as crianças são doutrinadas por meio da professora e de materiais didáticos compostos de elementos audiovisuais. Este é encarregado de contar a história do trem e endeusar o personagem de Wilford como um salvador. Logo após isso, a professora leva os alunos para janela para mostrar exemplos de pessoas que tentaram sair do trem e congelaram (Figura 2). Mais uma vez o terror é utilizado aqui para manter a supremacia de um grupo e, em especial, de Wilford. Apesar de no final se descobrir que é possível sair do trem sem ser prejudicado, aqui esta hipótese é dada como impossível.

Figura 3 e 4

Curtis na sala do motor com Wilford



A última cena é de Curtis finalmente chegando na sala do motor e conversando com Wilford. Este apresenta a engenharia para o protagonista, mostra o plano do trem e



como sua manutenção funciona. É indicado que nenhum detalhe dentro de veículo escapa de seu conhecimento e tudo é calculado, inclusive as mortes, para que possa ser mantido o equilíbrio. Wilford conta como ele e Gilliam eram amigos e que ambos conversavam sobre o que seria necessário fazer para atingir esta meta. Assim, nota-se um sistema em que o *status quo* é necessário para o funcionamento.

Curtis percebe que toda sua revolução e os ideais pelo qual lutou só ajudou a perpetuar o sistema de qual ele mesmo lutou contra (Figuras 3 e 4). Wilford, então, cita a necessidade da desigualdade para a perpetuação da vida e oferece o seu cargo para Curtis. O que o leva a travar uma luta interna sobre a decisão que ele deve tomar. O que se torna o principal ponto de reflexão para o espectador: ficariamos dentro do trem ou sairíamos para explorar o mundo? A crítica se torna, então, não somente aos métodos utilizados para dominação, mas, sim, a todo o sistema.

Considerações finais

Ao analisar o filme “snowpiercer”, é nítido as críticas a relações de classes e suas implicações dentro de um sistema capitalista. A película não as tenta esconder, mas, sim, as mostra de forma bem explícita. Na realidade, as classes dominantes utilizam métodos diversos para manter o *status quo* de um sistema instável. O filme retrata isso de forma geral, com a separação de classes e a utilização da cultura do medo baseado em crises. Porém, a maior crítica do diretor é de que não somente as classes subordinadas sofrem, mas todas as classes estão sujeitas ao sistema e suas crises. Como Namgoong, o diretor espera que a sociedade abra os olhos para ver que além do sistema que todos tem se sujeitado, e se pergunte: existe um meio livre de opressão que se pode viver? A crise não é tão grande quanto se diz ser.

A cena da escola é forte pois apesar de mostrar uma ditadura de ideais, ainda é uma escola. A academia devia ser um espaço de questionamento, de crescimento e de expansão de ideias. Joon-Ho Bong apresenta uma obra que une a estética da arte à questões sociais. O filme é um espaço para uma reflexão interior. O diretor do filme incita um diálogo nas cenas finais com o telespectador, que questiona se este ficará dentro do trem ou procurará se livrar e explorar fora do trem. Crises são naturais e sempre existiram, mas sua opressão e utilização como meio de domínio, através do



terror e medo, causando separação de classes e violência, levanta as questões: realmente a sociedade segue o trilho certo? Não existiria um trilho alternativo, que possa trazer o resultado desejado?

REFERÊNCIAS

- BERMÚDEZ, J. M. S. **The neoliberal pattern of domination: capital's reign in decline.** Leiden: Koninklijke Brill NV, 2012.
- BRYM, R.; LIE, J. **Sociology: your compass for a new world, brief edition: enhanced edition.** Belmont: Wadsworth Cengage Learning, 2009.
- CHOMSKY, N. **Hegemony or survival: america's quest for global dominance.** London: Penguin UK, 2004.
- LONG, T. L. **AIDS and american apocalypticism: the cultural semiotics of an epidemic.** Albany: SUNY Press, 2005.
- MICHAELS, D. **Doubt is their product: how industry's assault on science threatens your health.** New York: Oxford University Press, 2008.
- PERDUE, W. D. **Terrorism and the state: a critique of domination through fear.** Westport: Greenwood Publishing Group, 1989.
- SKOLL, G. R.; KORSTANJE, M. E. Constructing an american fear culture from red scares to terrorism. **International Journal Human Rights and Constitutional Studies.** Olney, v. 1, n. 4, out-dez. 2013.
- SKOLL, G. R.; KORSTANJE, M. E.; TARLOW, P. Disasters in postmodern times: The 2011 Japan Earthquake. **International Journal of Baudrillard Studies.** Lennoxville, v. 11, n. 3, sep. 2014.
- SKRIMSHIRE, S. **Politics of fear, practices of hope.** New York: Bloomsbury Publishing, 2008.
- SNOWPIERCER.** Direção de Joon-Ho Bong. Coréia do Sul: Moho Film, 2014. 1 DVD (126 min).
- VANOYE, F.; GOLIOT-LÉTÉ, A. **Ensaio sobre a análise filmica.** 5. ed. Campinas: Papyrus, 1994.